

Contas regionais

Economia gaúcha em 2011: desaceleração na indústria e nos serviços e recorde na agropecuária*

Martinho Roberto Lazzari**

Economista da FEE

Resumo

O texto analisa o desempenho da economia gaúcha em 2011, a partir das estimativas das contas regionais elaboradas pela Fundação de Economia e Estatística (FEE). Após um ano de 2010 marcado pelo forte crescimento econômico, 2011 apresentou desaceleração da economia, tanto da brasileira quanto da gaúcha. No caso do Rio Grande do Sul, a safra recorde fez com que o desaquecimento não fosse tão pronunciado e também que o Estado crescesse acima da média nacional.

Palavras-chave: economia gaúcha; contas regionais; desempenho agrícola.

Abstract

This paper analyzes the economic performance of Rio Grande do Sul in 2011 based on regional accounts data estimated by the Foundation of Economics and Statistics (FEE). After a year of 2010 marked by strong economic growth, the economy decelerated in 2011, nationally and regionally. In the case of Rio Grande do Sul, the record harvest braked the slowdown economic.

Key words: RS economy; regional accounts; agricultural performance.

1 Introdução

A Fundação de Economia e Estatística (FEE) divulga, anualmente, as estimativas, para o Rio Grande do Sul, dos valores do Produto Interno Bruto

(PIB), do PIB *per capita*, do Valor Adicionado Bruto (VAB) dos setores e suas respectivas taxas de crescimento¹. O objetivo deste texto é analisar o desempenho da economia gaúcha em 2011 a partir desses dados. Após um ano de 2010 marcado pelo

* Artigo recebido em 03 fev. 2012
Revisor de Língua Portuguesa: Breno Camargo Serafini.

** E-mail: lazzari@fee.tche.br

¹ As estimativas foram calculadas pelo Núcleo de Contas Regionais (NCR) da FEE, composto por Juarez Meneghetti (coordenador), Carlos Gouveia, Carolina Agranonik, Eliana Figueiredo da Silva, Jefferson Colombo, Martinho Lazzari, Rodrigo de Sá da Silva, Sérgio Fischer e Vinícius Fantinel.

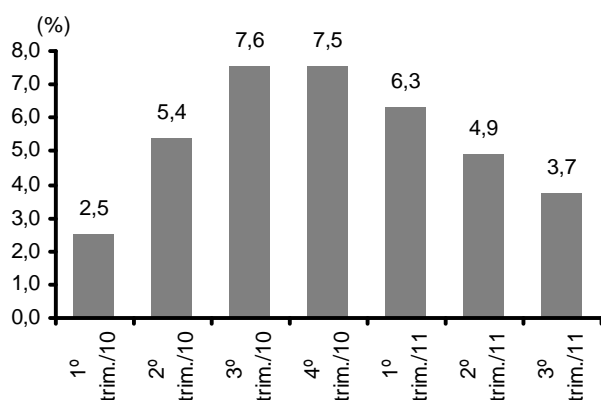
forte crescimento econômico (7,8%), 2011 apresentou desaceleração da economia, tanto da brasileira quanto da gaúcha. No caso do Rio Grande do Sul, a safra recorde fez com que o desaquecimento não fosse tão pronunciado, e também que o Estado crescesse acima da média nacional. Após esta **Introdução**, o texto segue com um exame das condições das economias brasileira e mundial (seção 2), que servirá de pano de fundo para a análise da economia gaúcha, na seção 3. Na seção 4, são apresentados os desempenhos dos setores da agropecuária, indústria e serviços. As **Considerações finais** retomam os pontos mais importantes do texto.

2 Os ambientes econômicos brasileiro e mundial

De acordo com a previsão do Banco Central (Bacen), o crescimento do PIB do Brasil em 2011 foi de 3,0% (Rel. Inflação, 2011a). É uma taxa inferior à do ano anterior, quando a expansão havia sido de 7,5%. O Gráfico 1 mostra que, após um período de taxas crescentes, que marcou a recuperação após os efeitos da crise financeira internacional de 2008/09, teve início uma desaceleração do crescimento econômico brasileiro, fato que caracterizou todo o ano de 2011.

Gráfico 1

Taxas de crescimento do PIB, acumuladas em quatro trimestres, no Brasil — 2010/11



FONTE: IBGE, Contas Trimestrais.

No Relatório de Inflação de dezembro de 2010, o Banco Central avaliava que, passada a fase de recuperação e de taxas expressivas de crescimento, a economia brasileira entraria em uma fase de

“moderação nas taxas de crescimento do PIB” (Rel. Inflação, 2010, p. 8). Mais à frente, com os últimos dados de 2010 avaliados, o relatório afirmava “[...] que a economia tem se deslocado para uma trajetória mais condizente com o equilíbrio de longo prazo e, para 2011, projeta taxa de crescimento de 4,5%” (Rel. Inflação, 2010, p. 9). O último Relatório de mercado Focus de 2010 também indicava desaquecimento da economia para 2011. As perspectivas de mercado concordavam com a projeção do Banco Central, ao também prever crescimento de 4,5% (Focus, 2010).

Em resumo, tanto a autoridade monetária quanto os analistas privados acreditavam que o ano de 2011 seria marcado por uma diminuição do ritmo de crescimento. A aposta baseava-se na diferença entre as bases de comparação. Enquanto o crescimento de 2010 fora sobre a base deprimida de 2009, o de 2011 seria sobre uma base elevada, restringindo as possibilidades de repetição do crescimento do ano anterior.

Ao final de 2010, o Banco Central estava mais preocupado com a inflação do que com o crescimento econômico. Acreditava que o desaquecimento da economia estava ocorrendo, mas tão somente ao ponto de se deslocar para níveis mais condizentes com o crescimento de longo prazo. Por outro lado, a continuidade da expansão econômica, que vinha desde a segunda metade de 2009, associada ao aumento dos preços das *commodities*, notadamente as agrícolas, e ao crescimento do crédito às famílias, em ritmo acelerado, foram fatores identificados pela autoridade monetária como fontes de pressão sobre os preços. Como resposta, o Conselho Monetário Nacional (CMN) e o Banco Central adotaram medidas macroprudenciais. Houve elevação dos recolhimentos compulsórios e aumento do capital exigido em operações de crédito a pessoas físicas de prazos superiores a 24 meses.

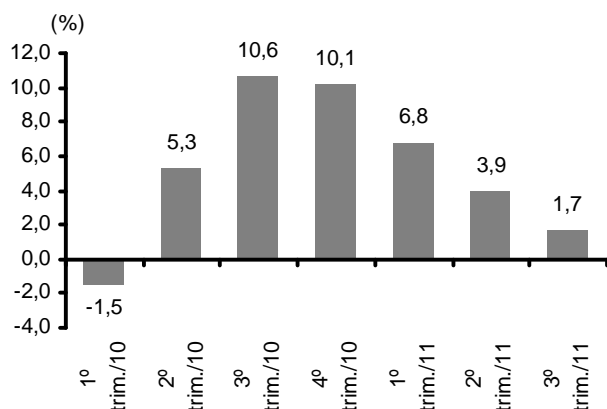
Além disso, o Comitê de Política Monetária (Copom) prosseguiu com a alta das taxas de juros, que tivera início ainda em abril de 2010. Entre janeiro e julho de 2011, o Banco Central aumentou os juros em cinco ocasiões, estabelecendo a taxa Selic em 12,5% no começo do segundo semestre. No Relatório de Inflação de março de 2011, o Banco Central afirmou que, frente à desaceleração confirmada pelos primeiros dados do ano, a política monetária poderia eventualmente ser reavaliada (Rel. Inflação, 2011).

Enquanto isso, o desempenho da indústria de transformação dava sinais claros de um arrefecimento maior que o esperado (Gráfico 2). Comunicado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)

destaca a taxa de câmbio apreciada e a lenta recuperação da economia mundial como fatores importantes na explicação da desaceleração da produção industrial brasileira em 2011 (Comunicado Ipea, 2012). O real valorizado, por um lado, encarece os produtos nacionais vendidos no mercado externo e, por outro, barateia os importados concorrentes da produção doméstica. Além disso, o baixo crescimento das economias desenvolvidas reduz a demanda externa e torna o mercado doméstico brasileiro bastante atrativo para as suas exportações.

Gráfico 2

Taxas de crescimento do PIB trimestral, acumuladas em quatro trimestres, da indústria de transformação no Brasil — 2010/11



FONTE: IBGE, Contas Trimestrais.

Os números corroboram a tese. Em 2011, as exportações de produtos da indústria de transformação do Brasil cresceram 19,0%, e as importações, 23,5%. Como resultado, a balança comercial do setor teve déficit de US\$ 48,7 bilhões, um aumento de 40,2% sobre o de 2010. O menor crescimento industrial significa um descompasso entre a oferta doméstica de produtos industriais e a demanda interna aquecida. É o que tem acontecido desde 2005. Desde então, o crescimento da transformação tem sido consistentemente menor que a do comércio. Em 2011, não foi diferente. A estimativa do Bacen é de que a primeira atividade tenha crescido 0,9%, e a segunda, 3,8%, evidenciando um descompasso entre a demanda e a oferta internas (Tabela 1).

Além da questão da maior concorrência externa, as medidas macroprudenciais citadas anteriormente e o aperto monetário, que se estendeu durante todo o primeiro semestre do ano, também fazem parte da explicação do menor crescimento da indústria. Tais medidas também impactaram negativamente o

crescimento do comércio². Embora em menor grau, as vendas do varejo também desaceleraram ao longo do ano³.

Ademais, a deterioração, ao longo do ano, das condições econômicas mundiais também contribuiu para deprimir as expectativas dos empresários e consumidores brasileiros. Foram várias as fontes de incerteza, vindas, principalmente, dos países desenvolvidos. Do Japão, os efeitos negativos sobre sua produção industrial que um terremoto seguido de tsunami gerou, e, dos Estados Unidos, os reflexos do rebaixamento da nota da dívida e das longas negociações para elevação do teto do endividamento público. Mas foi da Europa que vieram as notícias mais preocupantes quanto à recuperação econômica mundial. A crise fiscal que se seguiu ao socorro estatal aos bancos privados atingiu fortemente a credibilidade da Irlanda e dos países do sul do Continente, notadamente a Grécia. O próprio futuro do euro foi colocado em xeque em algum momento mais agudo da crise. Até mesmo o tamanho do crescimento da China foi alvo de dúvidas. A menor expansão de seus principais mercados compradores poderia deprimir suas exportações, fazendo diminuir, também, suas importações. Como o País é o maior mercado para as exportações brasileiras, as notícias vindas da Ásia preocupavam.

A intensidade da desaceleração da economia brasileira foi maior que a esperada pelo Banco Central. Embora, ainda em março, tenha dado sinais de que poderia alterar a direção da política monetária, foi somente em setembro que a estratégia do Banco mudou. A partir de então, seguiram-se três reduções até dezembro, quando a taxa Selic foi estabelecida em 11,0%. Dado que o impacto das mudanças na política monetária é defasado, os efeitos econômicos de tal medida sobre o desempenho de 2011 foram praticamente nulos.

² A taxa de crescimento das operações de crédito caiu no começo de 2011, mas voltou a acelerar já a partir de abril.

³ O comércio fechou 2010 com crescimento de 10,9%. No primeiro trimestre de 2011, a taxa caiu para 5,4%, cresceu um pouco no segundo, para 5,5%, e voltou a cair no terceiro, para 4,1% (IBGE, 2012).

Tabela 1

Taxa de crescimento do VAB, por setores de atividade, e do PIB do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2010-11

DISCRIMINAÇÃO	RIO GRANDE DO SUL		BRASIL
	2010	2011	2011
Agropecuária	7,9	18,8	2,9
Indústria	9,6	2,5	2,0
Extrativa mineral	10,2	4,8	2,6
Transformação	10,3	1,7	0,9
Construção civil	7,6	5,9	3,6
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	7,4	3,6	3,8
Serviços	7,0	5,2	2,9
Comércio e serviços de manutenção e reparação	12,0	7,6	3,8
Transporte, armazenagem e correio	10,3	5,2	3,2
Administração, saúde e educação públicas	2,9	3,3	2,4
Demais serviços	5,9	4,9	-
VAB	7,8	5,7	2,7
PIB	7,8	5,7	3,0

FONTE: FEE. CIE. Núcleo de Contas Regionais.

RELATÓRIO DE INFLAÇÃO. Brasília; BACEN, v. 13, n. 4, dez. 2011a. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

NOTA: Estimativas preliminares.

3 Desempenho econômico do Rio Grande do Sul

Segundo as estimativas da FEE, o PIB do Rio Grande do Sul, a preços constantes, cresceu 5,7% em 2011 (Tabela 1). O valor corrente alcançou R\$ 273.860 milhões. Já o PIB *per capita* atingiu R\$ 24.844, com variação de volume de 5,2%.

O crescimento de 2011 foi menor que o de 2010, que havia sido de 7,8%. Isto porque a desaceleração por que passou a economia brasileira, conforme comentado anteriormente, também atingiu a economia gaúcha. Os números do Índice Trimestral da Atividade Produtiva (ITAP)⁴, calculados até o terceiro trimestre de 2011, revelam quedas seguidas nas taxas de crescimento (no acumulado em quatro trimestres) dos serviços e, principalmente, da indústria de transformação (Tabela 2). Como era de se esperar, o menor crescimento dos setores industriais e de serviços do Brasil significou menor crescimento desses setores também no Rio Grande do Sul. Do mesmo modo que no caso brasileiro, a expansão da produção industrial do Estado foi refreada pelo valor da taxa de

câmbio e pelas condições econômicas mundiais, que desestimularam as exportações e estimularam as importações. Embora a transformação tenha sido o subsetor da indústria que mais desacelerou (de 10,3% para 1,7%), a extrativa mineral, a construção civil e a produção e distribuição de eletricidade, gás e água também tiveram suas taxas reduzidas em 2011 na comparação com 2010 (Tabela 1). E no caso dos serviços, as medidas nacionais de restrição de crédito e os aumentos das taxas de juros ao consumidor também impactaram negativamente a expansão do comércio estadual, principal atividade dos serviços⁵. Além do comércio, também desaceleraram transporte, armazenagem e correio e demais serviços. A exceção foi a administração pública, que apresentou taxa de crescimento maior em 2011.

Os desempenhos da indústria e dos serviços foram bastante afetados pelas condições macroeconômicas. O mesmo não aconteceu com o da agropecuária, menos suscetível, pelo menos no curto prazo, a essas condições. O setor primário do Estado cresceu 18,8% em 2011, taxa superior à do ano anterior, que havia sido de 7,9%. Ajudado pelos bons preços, que estimularam o crescimento da área plantada, e pelo clima adequado, que determinou o aumento da produtividade, a produção dos cinco

⁴ O ITAP é calculado pela FEE e é um indicador que mensura o desempenho agregado da agropecuária, da indústria e dos serviços do Estado.

⁵ A atividade do comércio representa 23,4% do setor de serviços do Rio Grande do Sul (dados de 2010). Ver Tabela 6.

principais grãos do Estado⁶ cresceu 15,8% em 2011. A queda na taxa de crescimento do PIB gaúcho só não foi maior, portanto, porque o crescimento da agropecuária foi bem superior à média dos outros setores, puxando, assim, a taxa pra cima.

Tabela 2

Taxas de crescimento do ITAP e de seus setores no Rio Grande do Sul — 2010-11

PERÍODOS	AGROPECUÁRIA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	ITAP
4º trim./10	6,4	11,6	7,5	8,4
1º trim./11	16,5	7,3	7,0	8,1
2º trim./11	12,5	5,3	6,9	7,1
3º trim./11	12,6	3,1	5,6	5,6

FONTE: FEE. CIE. Núcleo de Contas Regionais.

O desempenho da agropecuária também explica por que o RS cresceu mais que o Brasil em 2011. O maior crescimento do Estado foi abrangente, sendo superior ao brasileiro nos três setores, agropecuária, indústria e serviços (Tabela 1). Entretanto, foi a diferença nas taxas do setor primário que, fundamentalmente, explica a não congruência entre as taxas de variação do PIB do RS e do Brasil. Enquanto o desempenho regional da indústria e dos serviços está atrelado ao desempenho desses setores em nível nacional, o mesmo não acontece, pelo menos não com a mesma intensidade, com a agropecuária. As especificidades climáticas de cada região do País acabam por gerar desempenhos agrícolas díspares. Foi o que aconteceu na safra colhida em 2011. O clima para a agricultura foi melhor no RS, sendo decisivo para o desempenho superior do Estado no setor. Além do mais, o forte crescimento da agropecuária estimulou outras atividades produtivas, ligadas à indústria de transformação e aos serviços.

O comportamento das exportações do Rio Grande do Sul foi determinado pelas condições econômicas internas e externas. Em 2011, o Estado exportou R\$ 19,4 bilhões, mantendo o RS na quarta posição entre os maiores Estados exportadores, com participação de 7,6% (Tabela 3). O aumento de 26,3% no valor foi resultado dos crescimentos de 9,6% no volume e de 15,2% nos preços. Setorialmente, o destaque foi o aumento das exportações da agropecuária, consequência da safra recorde. As vendas da indústria de transformação cresceram

menos. Os problemas já relatados com a taxa de câmbio e com a demanda mundial explicam o desempenho. Por destino, houve aumento das exportações gaúchas para a China e queda para os Estados Unidos e União Europeia, refletindo o baixo crescimento dessas regiões. A China manteve a posição de maior comprador dos produtos gaúchos, aumentando sua participação para 17,4% em 2011 (Tabela 4). É maior que a soma das participações de Argentina e Estados Unidos, respectivamente o segundo e terceiro principais importadores do Estado.

O mercado de trabalho teve um comportamento positivo em 2011. O desempenho da economia gaúcha impactou em seus dois principais indicadores. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (BR, 2012), o setor formal de todo o Estado criou (saldo entre admissões e demissões) 122.286 empregos no ano (Tabela 5). E, de acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA), a taxa de desemprego entre trabalhadores formais e informais na região caiu para 7,3% em 2011, menor nível desde o primeiro dado anual da pesquisa, em 1993.

⁶ Os cinco principais grãos, de acordo com o valor de produção, são soja, arroz, milho, trigo e feijão.

Tabela 3

Valor, variação de valor, volume e preço das exportações do Brasil e de Estados selecionados — 2010-2011

BRASIL E ESTADOS	2010		2011		VARIÇÃO PERCENTUAL		
	Valor (US\$ 1 000)	Participação Percentual	Valor (US\$ 1 000)	Participação Percentual	Valor	Volume	Preço
Brasil	201 915 285	100,0	256 039 575	100,0	26,8	2,9	23,2
São Paulo	52 293 089	25,9	59 909 005	23,4	14,6	-0,9	15,6
Minas Gerais	31 224 473	15,5	41 392 929	16,2	32,6	2,9	28,9
Rio de Janeiro	20 022 219	9,9	29 445 481	11,5	47,1	6,7	37,8
Rio Grande do Sul	15 382 446	7,6	19 427 095	7,6	26,3	9,6	15,2
Pará	12 835 420	6,4	18 336 599	7,2	42,9	14,3	25,0
Paraná	14 176 010	7,0	17 394 223	6,8	22,7	4,5	17,4
Espírito Santo	11 954 295	5,9	15 158 503	5,9	26,8	2,2	24,1
Mato Grosso.....	8 451 372	4,2	11 099 523	4,3	31,3	2,4	28,2
Bahia	8 886 017	4,4	11 016 293	4,3	24,0	0,9	22,9
Santa Catarina	7 582 027	3,8	9 051 047	3,5	19,4	8,2	10,4

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

Tabela 4

Principais países de destino das exportações
do Rio Grande do Sul — 2010-11

PAÍSES	2010	2011
China	15,6	17,4
Argentina	10,9	10,2
Estados Unidos	8,0	7,1
Países Baixos (Holanda)	3,9	3,6
Paraguai	4,0	3,2
Alemanha	3,0	2,8
Uruguai	2,2	2,5
Bélgica	3,7	2,5
Venezuela	1,6	2,3
França	1,1	2,2
Outros	46,0	46,2
TOTAL	100,0	100,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

Tabela 5

Taxa de desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre e criação de empregos formais no
Rio Grande do Sul — 2009-11

ANOS	TAXA DE DESEMPREGO (%)	CRIAÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS
2009	11,1	75 265
2010	8,7	180 732
2011	7,3	122 286

FONTE: PED-RMPA, Caged-MTE.

4 Desempenhos setoriais

A agropecuária representava, em 2010, 9,4% do Valor Adicionado Bruto (VAB) da economia do Rio

Grande do Sul (Tabela 6). As atividades ligadas a agricultura, silvicultura e reflorestamento possuíam participação de 6,3% no VAB, e a pecuária e pesca, de 3,1%. Em 2011, a agropecuária gaúcha cresceu 18,8%, taxa maior que a do ano anterior (7,9%) e

maior que a estimada para o Brasil (2,9%) (Tabela 1). O destaque foi a agricultura. Da lista de produtos relevantes da lavoura, apenas banana e cana-de-açúcar tiveram queda de produção (Tabela 7). Todos os outros apresentaram aumentos. Os maiores destaques foram arroz, soja, fumo e trigo.

Tabela 6

Estrutura do Valor Adicionado Bruto, por setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 2010

SETORES	(%) 2010
TOTAL	100,0
Agropecuária	9,4
Agricultura, silvicultura e exploração florestal	6,3
Pecuária e pesca	3,1
Indústria	29,0
Indústria extrativa mineral	0,2
Indústria de transformação	21,8
Construção civil	4,8
Produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana	2,4
Serviços	61,6
Comércio e serviços de manutenção e reparação	14,4
Serviços de alojamento e alimentação	1,7
Transportes, armazenagem e correio	4,6
Serviços de informação	2,6
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar	6,0
Serviços prestados às famílias e associativos	2,6
Serviços prestados às empresas	3,5
Atividades imobiliárias e aluguel	6,9
Administração, saúde e educação públicas	14,1
Saúde e educação mercantis	3,8
Serviços domésticos	1,2

FONTE: FEE. CIE. Núcleo de Contas Regionais.

NOTA: Estimativas preliminares.

A produção de arroz cresceu 30,1%, resultado tanto do aumento da área colhida (9,8%) quanto da produtividade (18,5%). De acordo com os dados da Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) e do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), duas pesquisas feitas pelo IBGE, a safra de arroz de 2011 teve a maior área colhida, a maior produtividade e a maior quantidade produzida desde o início da série, em 1990. A safra recorde se defrontou com um mercado doméstico limitado, refletido na queda dos preços internos. A saída encontrada foi direcionar parcela expressiva (41,7%) do aumento da produção para a exportação. Foram 1.272 mil toneladas em 2011, aumento de 210,5% sobre os embarques do ano anterior. Ou seja, 14,2% da safra foram exportadas, principalmente para países da África.

Os mesmos recordes produtivos do arroz aconteceram com a soja. A produção de 2011 alcançou 11,6 milhões de toneladas, aumento de 10,9% sobre a safra anterior. A área colhida cresceu 1,8%, e a produtividade, 9,0%. Como em anos anteriores, a maior parcela do produto foi direcionada para o mercado externo. O peso das exportações da soja em grão foi de 5,9 milhões de toneladas em 2011, rendendo um valor de US\$ 2.959 milhões (Tabela 8). Significou um aumento de 65,4% no valor, resultado dos crescimentos do volume exportado (24,9%) e dos preços (32,4%). Somando-se às exportações do grão as de óleo e de farelo de soja, o volume exportado chegou a 10,5 milhões de toneladas, e o valor, a US\$ 4.713 milhões. Esse valor representou 24,3% de todas as exportações do Estado em 2011. O principal comprador dos produtos da soja gaúcha foi novamente a China, sendo responsável por 54,1% do valor embarcado.

A produção de fumo cresceu 44,9%, decorrência do expressivo aumento da produtividade (42,9%). O rendimento médio foi a 2.231 kg por hectare, maior nível desde o início da PAM, em 1990. A produção de trigo cresceu 29,5%. Nessa cultura, o determinante principal do aumento da quantidade foi o incremento da área. Foram 144,9 mil hectares a mais na safra de 2011, um aumento de 18,4% em relação a 2010. A produtividade cresceu 9,4% sobre uma base já alta. Como resultado, o rendimento médio (2.941 kg por hectare) alcançou seu maior patamar desde o início da PAM, em 1990. Em razão dos bons preços internacionais (+71,7%), o volume das exportações saltou de 585,6 mil toneladas em 2010 para 1.517 mil toneladas em 2011. O valor passou a US\$ 451,7 milhões, crescimento de 450,6% em relação ao ano anterior.

Além desses quatro produtos, também merece destaque, por sua relevância, o milho. A produção do cereal cresceu 2,5%. A redução da área colhida (-4,5%) foi mais que compensada pelo aumento de 7,4% na produtividade. A exemplo dos quatro produtos já analisados, o rendimento médio do milho também foi recorde, alcançando 5.263 kg por hectare em 2011.

Na análise, ficou claro o papel da produtividade no aumento da produção da lavoura do Estado. Não é coincidência que os rendimentos médios do arroz, da soja, do fumo, do trigo e do milho tenham atingido seus picos em 2011. Os recordes foram resultado das condições climáticas excepcionais durante as fases de plantio, desenvolvimento e colheita da safra 2010/11. O fato comprova, a partir de um ângulo diferente, a importância que o clima tem sobre o desempenho da

agricultura gaúcha. Geralmente, eram as estiagens que mostravam isso. Em 2011, por outro lado, foram as condições ideais de chuva que expuseram o papel fundamental do clima.

A pecuária também apresentou resultados positivos em 2011. Destaque para o leite, que teve a produção aumentada em 7,3% (Tabela 9). As aves e os suínos cresceram menos em 2011, enquanto os bovinos aceleraram seu crescimento. As exportações de carnes caíram 109,7 mil toneladas em relação a 2010. Mas, como os preços cresceram, o valor exportado aumentou 1,0%, alcançando o valor de US\$ 1.973 milhões.

O desempenho positivo da agropecuária refletiu-se no mercado de trabalho. Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (TEM) mostram que, em 2011, foram criados 1.435 empregos novos no setor (Tabela 10). Embora seja um número insignificante para atividades em que a regra é o trabalho informal, o dado serve para ilustrar o comportamento do emprego.

A indústria participava, em 2010, com 29,0% do VAB do Estado (Tabela 6). Dos quatro subsetores, o principal, com 21,8%, era a transformação, seguida, de longe, pela construção civil (4,8%), pela produção e distribuição de eletricidade, gás e água (2,4%) e pela extrativa mineral (0,2%). O setor cresceu 2,5% em 2011, desempenho inferior ao do ano anterior, quando havia crescido 9,6%. Em contrapartida, o crescimento gaúcho foi maior que o estimado para o Brasil, de 2,0%.

A indústria de transformação gaúcha cresceu 1,7% em 2011. Embora o crescimento do setor no Estado tenha acompanhado a desaceleração da indústria nacional, a expansão no Rio Grande do Sul foi maior que a da média da economia brasileira, que foi de 0,9%. O arrefecimento do crescimento foi bastante disseminado pelas várias atividades. Das 14 que o IBGE tem dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM, 2012), 11 apresentaram redução nas taxas de variação de 2010 para 2011 (Tabela 11). Duas (alimentos e fumo) das que aumentaram a taxa de crescimento são atividades ligadas à agropecuária, setor que apresentou forte expansão no ano, o que explica o desempenho dissonante da maioria.

Dentre as atividades, os impactos positivos mais expressivos vieram de máquinas e equipamentos, veículos automotores, alimentos e fumo. A indústria de máquinas e equipamentos⁷ cresceu 8,7%. Embora seja uma taxa inferior à do ano anterior (28,4%), é o

segundo maior crescimento de 2011 dentre as 14 atividades pesquisadas. O segmento foi bastante ajudado pelas exportações, que alcançaram o valor de US\$ 1.627 milhões, crescimento de 24,9% sobre o de 2010. O volume cresceu 13,8%, e os preços, 9,8%. Os produtos mais exportados foram tratores e máquinas agrícolas, para países da América do Sul principalmente.

A atividade de veículos automotores⁸ cresceu 3,2%, significando forte queda em relação ao crescimento de 2010, de 24,7%. O mercado interno para os produtos da atividade não teve um bom desempenho no ano. A produção de veículos (automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus) cresceu apenas 0,7% em 2011. A de automóveis, especificamente, teve queda de 1,9%. A venda dos carros produzidos no Rio Grande do Sul pela General Motors (GM) caiu 8,3%, para 200.148 unidades. O fraco desempenho afetou também a produção de autopeças, maior segmento da atividade. Em compensação, as exportações cresceram. Em valor, o aumento foi de 54,5%, e, em volume, de 37,3%. Por segmento, o volume embarcado de autopeças cresceu 17,4%, e o de caminhões e ônibus, 73,4%. O grande destaque, entretanto, foi o aumento das vendas de automóveis, principalmente para a Argentina, que comprou 18.185 unidades em 2011, contra nenhuma no ano anterior. O valor total das exportações de automóveis atingiu US\$ 155,7 milhões. Em 2010, havia sido de tão somente US\$ 215,0 mil.

A indústria de alimentos cresceu 4,8%. Beneficiou-se do bom desempenho da agropecuária, pois parte de suas atividades consiste na industrialização dos produtos vindos do campo. Exemplos são o processamento das carnes, a industrialização do arroz e a transformação do grão de soja em óleo e farelo. O desempenho superior dos alimentos também se deu nas exportações. O valor cresceu 28,3%, amparado nos crescimentos do volume (10,6%) e dos preços (15,9%). A atividade do fumo foi a que apresentou a maior taxa de crescimento, 15,5%. Do mesmo modo que os alimentos, a indústria do fumo foi diretamente favorecida pelo aumento da safra. O volume das exportações acompanhou de perto a produção. Mas como os preços caíram, o valor das vendas externas cresceu apenas 4,8%.

Por outro lado, dentre as seis atividades que apontaram queda na produção, sobressaíram os recuos da metalurgia básica, do refino de petróleo e

⁷ A atividade de máquinas e equipamentos inclui fabricação de motores, bombas, compressores, tratores e máquinas para a agropecuária e máquinas e equipamentos de uso geral.

⁸ A atividade de veículos automotores compreende a fabricação de automóveis, caminhões, ônibus, carrocerias, reboques e autopeças.

álcool e de calçados e artigos de couro. A produção física da indústria metalúrgica do Estado, em que se destaca a siderúrgica, caiu 8,1% em 2011. Parte da explicação se deve à elevada base do ano anterior, quando a atividade havia crescido 30,0%. Era esperado, portanto, uma desaceleração na taxa. De resto, o ramo gaúcho acompanhou a queda (-0,4%) verificada no Brasil. O refino de petróleo caiu 3,5%. Foi a segunda redução anual seguida, já que também houve queda em 2010, de 9,8%. O volume exportado caiu 54,0%, e o valor, 41,7%. A atividade calçadista teve redução de 5,1% em sua produção física, em 2011. Bastante dependente do mercado externo, seu desempenho esteve atrelado às exportações, que diminuíram 16,4% em volume e 6,0% em valor.

A indústria extrativa mineral cresceu 4,8% em 2011, menos que no ano anterior (Tabela 1). Do mesmo modo, a produção e distribuição de eletricidade, gás e água também desaceleraram na passagem de 2010 para 2011, diminuindo o crescimento de 7,4% para 3,6% respectivamente. Dos quatro subsetores da indústria, o que desaqueceu menos foi o da construção civil. Em 2010, a expansão havia sido de 7,6%, e, em 2011, atingiu 5,9%. Embora mostrando sinais de desaquecimento, o crescimento do crédito garantiu ainda um bom desempenho à atividade.

Acompanhando a redução do ritmo de crescimento da produção física, a criação de empregos na indústria também diminuiu em 2011 (Tabela 10). Foram criadas 33.753 vagas ao longo do ano, contra 76.866 do ano anterior. A maior queda absoluta ocorreu na indústria de transformação, que passou de 56.466 vagas criadas em 2010 para 21.411 em 2011.

O setor de serviços participava, de acordo com os dados de 2010, com 61,6% do VAB do Estado (Tabela 6). As atividades mais importantes eram o comércio (14,4%) e a administração pública (14,1%). Nessa primeira estimativa feita pela FEE para as contas da economia gaúcha, a abertura dos serviços contempla apenas o comércio, os transportes e a administração pública. As outras atividades estão agrupadas em demais serviços. Em 2011, o setor de serviços cresceu 5,2% (Tabela 1).

O comércio cresceu 7,6%, taxa menor que a do ano anterior (12,0%). A desaceleração do crescimento estendeu-se a todos os segmentos pesquisados pelo IBGE através da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC, 2012) — Tabela 12. Os destaques positivos foram materiais de construção (22,8%), móveis e eletrodomésticos (16,1%) e artigos farmacêuticos e de perfumaria (11,4%). Apenas um segmento apresentou

taxa negativa, o de livros, jornais, revistas e papelaria (-3,6%). E as maiores reduções de taxas de crescimento foram registradas em hipermercados e produtos alimentícios (de 7,9% em 2010 para 1,7% em 2011), equipamentos de informática (de 23,9% para 7,9%) e veículos e peças (de 13,5% para 4,7%). Embora a taxa geral do comércio tenha sido menor em 2011, ainda assim é bastante positiva. Para tanto, contribuíram o aumento da renda e do crédito. Segundo dados da PED-RMPA, a massa dos rendimentos reais dos ocupados na Região Metropolitana de Porto Alegre cresceu 5,0%, resultado do aumento do número de trabalhadores com emprego (3,0%) e do incremento do rendimento médio real (1,9%). Já o crédito para pessoa física, de acordo com o Banco Central, cresceu 20,4% em 2011 (até novembro), alcançando um saldo de R\$ 58.038 milhões em empréstimos, no Rio Grande do Sul. O emprego formal no comércio também cresceu, embora menos que no ano anterior. Em 2011, foram criadas 32.736 vagas no segmento (Tabela 10).

O segmento de transportes, armazenagem e correio apresentou taxa de crescimento de 5,2%, impulsionado pela demanda por armazenamento e carga de parte do setor agrícola. A administração pública cresceu 3,3%, e os demais serviços, 4,9%. Nos serviços de modo geral, o incremento no emprego formal foi de 54.562 vagas, e, na administração pública, houve redução líquida de 200 empregos.

Tabela 7

Área colhida, produção, produtividade e variações dos principais produtos da lavoura do Rio Grande do Sul - 2010-2011

PRODUTOS	2010			2011 (1)			VARIÇÃO PERCENTUAL		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida	Produção	Produtividade
Arroz	1 066 127	6 875 077	6,45	1 170 109	8 942 000	7,64	9,8	30,1	18,5
Banana	12 260	121 451	9,91	12 215	89 401	7,32	-0,4	-26,4	-26,1
Batata-inglesa	21 344	367 406	17,21	21 863	388 752	17,78	2,4	5,8	3,3
Cana-de-açúcar	35 934	1 503 000	41,83	32 694	1 381 567	42,26	-9,0	-8,1	1,0
Cebola	11 130	180 186	16,19	11 308	225 137	19,91	1,6	24,9	23,0
Feijão	103 008	112 510	1,09	92 245	123 900	1,34	-10,4	10,1	23,0
Fumo	220 065	343 482	1,56	223 009	497 563	2,23	1,3	44,9	42,9
Laranja	27 764	371 209	13,37	27 688	391 818	14,15	-0,3	5,6	5,8
Maçã	16 293	537 507	32,99	17 124	634 400	37,05	5,1	18,0	12,3
Mandioca	81 602	1 303 655	15,98	80 408	1 305 009	16,23	-1,5	0,1	1,6
Milho	1 148 708	5 633 912	4,90	1 097 432	5 776 300	5,26	-4,5	2,5	7,3
Soja	4 013 616	10 480 026	2,61	4 084 240	11 621 300	2,85	1,8	10,9	9,0
Trigo	787 480	2 116 952	2,69	932 360	2 741 716	2,94	18,4	29,5	9,4
Uva	48 747	692 901	14,21	49 182	829 589	16,87	0,9	19,7	18,7

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE, Pesquisa Agrícola Municipal 2010 e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, dez./2012.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 8

Exportações, segundo os principais setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 2010-11

SETORES E PRODUTOS	2010		2011		VARIÇÃO PERCENTUAL		
	Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor	Volume	Preço
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	2 064 870	13,4	3 633 635	18,7	76,0	38,0	27,6
Soja em grão	1 789 183	86,6	2 959 083	81,4	65,4	24,9	32,4
Trigo	82 034	4,0	451 713	12,4	450,6	220,7	71,7
Demais produtos	193 652	9,4	222 839	6,1	15,1
Indústria de transformação	13 093 726	85,1	15 570 663	80,1	18,9	5,7	12,5
Produtos alimentícios e bebidas	3 851 053	29,4	4 940 344	31,7	28,3	10,6	15,9
Químicos	1 828 961	14,0	2 340 393	15,0	28,0	2,5	24,9
Fumo	1 793 494	13,7	1 879 359	12,1	4,8	11,6	-6,1
Máquinas e equipamentos	1 302 479	9,9	1 627 227	10,5	24,9	13,8	9,8
Veículos automotores, reboques e carrocerias	809 155	6,2	1 250 254	8,0	54,5	37,3	12,5
Couros e calçados	1 312 934	10,0	1 234 380	7,9	-6,0	-16,4	12,4
Borracha e plástico	281 791	2,2	347 187	2,2	23,2	4,5	17,9
Metal — exceto máquinas e equipamentos	299 767	2,3	344 236	2,2	14,8	1,5	13,1
Móveis e indústrias diversas	298 326	2,3	311 823	2,0	4,5	-5,5	10,6
Refino de petróleo	370 887	2,8	216 179	1,4	-41,7	-54,0	26,8
Demais subsetores	944 880	7,2	1 079 281	6,9	14,2
Outros setores	223 850	1,5	222 797	1,1	-0,5
TOTAL	15 382 446	100,0	19 427 095	100,0	26,3	9,6	15,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

Tabela 9

Taxa de crescimento do valor da produção dos principais produtos da produção animal do Rio Grande do Sul — 2010-11

PRODUTOS	2010	2011
Aves	5,0	3,4
Bovinos	0,7	2,3
Leite	6,9	7,3
Ovos	3,9	2,8
Suínos	7,2	3,3

FONTE: FEE/Centro de Informações Estatísticas/Núcleo de Contas Regionais.

NOTA: Estimativas preliminares.

Tabela 10

Saldo entre admissões e demissões, total e por setores de atividade, no Rio Grande do Sul — 2010/11

SETORES	2010	2011 (1)
Agropecuária	1 823	1 435
Extrativa mineral	611	435
Indústria de transformação	56 466	21 411
Construção civil	18 099	11 530
Serviços industriais de utilidade pública	1 710	377
Serviços	57 989	54 562
Comércio	45 267	32 736
Administração pública	-74	-200
Total	181 891	122 286

FONTE: MTE, Cadastro Geral de Desempregados.

(1) Doze meses terminados em novembro de 2011.

Tabela 11

Taxa de crescimento da produção da indústria de transformação, por atividade, do Rio Grande do Sul — 2010/11

ATIVIDADES	2010	2011 (1)
Alimentos	-0,9	4,8
Bebidas	5,0	-1,5
Borracha e plástico	3,2	-7,6
Calçados e artigos de couro	4,9	-5,1
Celulose, papel e produtos de papel	8,2	-4,8
Edição, impressão e reprodução de gravações	5,5	1,0
Fumo	-10,9	15,5
Máquinas e equipamentos	28,4	8,7
Metalurgia básica	30,0	-8,1
Mobiliário	10,2	3,2
Outros produtos químicos	4,3	2,1
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos	22,2	4,7
Refino de petróleo e álcool	-9,8	-3,5
Veículos automotores	24,7	3,2

FONTE: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física.

(1) Taxa acumulada até novembro.

Tabela 12

Taxas de crescimento das atividades do comércio no
Rio Grande do Sul — 2010/11

ATIVIDADES	(%)	
	2010	2011 (1)
Combustíveis e lubrificantes	7,0	6,8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	7,9	1,7
Tecidos, vestuário e calçados	12,9	9,2
Móveis e eletrodomésticos	16,9	16,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos ..	15,5	11,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	7,5	-3,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	23,9	7,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6,2	3,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	13,5	4,7
Material de construção	35,0	22,8

FONTE: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio.
(1) Taxa acumulada em 12 meses até novembro.

5 Considerações finais

Em 2010, as taxas de crescimento das economias brasileira e gaúcha ficaram muito próximas, 7,5% e 7,8% respectivamente. Em 2011, ocorreu um processo de desaceleração do crescimento, que atingiu tanto o Brasil quanto o Rio Grande do Sul. Entretanto, nesse ano as taxas se diferenciaram mais. O Brasil cresceu 3,0%, e o Estado, 5,7% (Tabela 1). A diferença fundamental foi que, em 2011, a agropecuária gaúcha cresceu mais do que a média do PIB estadual e mais que a agropecuária brasileira. A safra recorde impulsionou não somente a produção no Setor Primário, mas também os ramos fornecedores de insumos e máquinas, os de processamento das matérias-primas vindas da agropecuária e o comércio de forma geral.

O resultado disso foi uma desaceleração menos intensa na economia gaúcha, determinando uma taxa de crescimento superior à média nacional. Confirmou-se a máxima de que, quando a agropecuária do Estado cresce acima do PIB estadual, a economia do RS cresce mais que a do Brasil (Lazzari, 2011).

Referências

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados — CAGED. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 43-56, 2012

COMUNICADO DO IPEA. Brasília: IPEA, n. 130, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2012

FOCUS: Relatório de Mercado. Brasília; BACEN, 31 dez., 2010. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 03 jan. 2012.

IBGE. **Contas trimestrais**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaulttabelas.shtm>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

LAZZARI, M. Economia gaúcha dependente da agropecuária. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 1, jan. 2011.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=LA&z=t&o=26>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL — PIM: produção física. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=c&p=PZ&v=28&z=t&o=22>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO — PMC. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=MC&z=t&o=13>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL 2010 — PAM. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=PA&z=t&o=11>>. Acesso: 10 jan. 2012;

RELATÓRIO DE INFLAÇÃO. Brasília; BACEN, v. 12, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

RELATÓRIO DE INFLAÇÃO. Brasília; BACEN, v. 13, n. 1, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

RELATÓRIO DE INFLAÇÃO. Brasília; BACEN, v. 13, n. 4, dez. 2011a. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

